

## **XXVII Jornada da BFC – 02/12/2020**

### **“Algumas considerações sobre a angústia”**

**Juliana Dalmina Aragão**

Ao estudar o tema da angústia, percorri a evolução deste conceito sob a perspectiva da psicanálise, consultando as obras de Freud e Lacan sobre o assunto, e fui notando as mudanças de paradigmas intrínsecas ao desenvolvimento de uma teoria. Ao longo desse estudo, percebi que a angústia é um tema clássico, que apenas mudou de “roupagem” com o passar dos anos: a neurose de angústia de Freud, com o surgimento dos manuais psiquiátricos, teve seus sintomas descritos no âmbito dos transtornos de ansiedade e das crises de pânico, tão presentes no linguajar cotidiano. Porém, a psicanálise nunca esqueceu da importância desse afeto, testemunha da falta estrutural do sujeito, e que, por isso, não cede às diversas tentativas de ser silenciado na contemporaneidade.

Portanto, parti da teorização de Sigmund Freud da neurose de angústia para chegar ao seminário lacaniano proferido entre 1962 e 1963, momento em que Jacques Lacan apresenta seu invento teórico, o objeto *a*, que pode ser considerado como o único correlato subjetivo da angústia.

Em 1895, Freud publica seu primeiro texto sobre a neurose de angústia. Nesse momento inicial da psicanálise, ele tentava diferenciar da neurastenia uma nova síndrome, que tinha todos seus componentes relacionados em torno da angústia como sintoma principal. Por isso, ele denominou essa síndrome de “neurose de angústia”. (FREUD, 1895). Nessa primeira fase da teoria freudiana, percebe-se uma forte tendência do autor de relacionar a neurose de angústia com a quantidade de excitação somática a que o indivíduo estava sujeito na repressão sexual. Nesse momento, Freud enfatizava a origem somática da neurose de angústia - e não psíquica, como teorizava em relação às psicose histérica e obsessiva – já que se tratava de um acúmulo de carga libidinal insatisfeita. Aliás, o autor acreditava que os sintomas típicos dos ataques de pânico tivessem como modelo as reações fisiológicas características da relação sexual.

A publicação de *Além do Princípio do Prazer*, em 1920, trouxe uma importante mudança epistêmica à psicanálise ao apresentar a pulsão de morte como motor da compulsão à repetição, agindo em sentido contrário a Eros, a pulsão de vida (FREUD, 1920). Então, a teoria freudiana da angústia, que já mostrava sinais de mudança nas Conferências Introdutórias de 1916, teve sua atualização publicada em 1926, em *Inibição*,

*Sintoma e Angústia*. Nessa segunda fase de sua teorização sobre a angústia, Freud percebe que a repressão aparece como processo de defesa, como possibilidade de fuga diante de um perigo interno. “O Eu retira o investimento (pré-consciente) do representante de instinto a ser reprimido e o aplica na liberação de desprazer (angústia).” (FREUD, 1926, p. 22).

Logo, o autor apresenta sua mudança de perspectiva em relação à angústia, e escreve: “[...] temos o direito de nos apegar à ideia de que o Eu é a genuína sede da angústia, e de rejeitar a concepção anterior de que a energia de investimento do impulso reprimido é transformada automaticamente em angústia”. (FREUD, 1926, p. 22). “Aqui é a angústia que gera a repressão, e não, como julguei anteriormente, a repressão que gera a angústia [...]. A postura angustiada do Eu é sempre o elemento primário e instigador da repressão. A angústia não provém jamais da libido reprimida”. (FREUD, 1926, p. 43).

Freud (1926, p. 68) conclui, portanto, que “a angústia é a reação à situação de perigo; dela é poupado o Eu ao fazer algo para evitar a situação ou subtrair-se a ela”; nesse sentido, “[...] os sintomas são criados para evitar a situação de perigo que é sinalizada pelo desenvolvimento da angústia.”

Em uma tentativa de apresentar uma definição geral da angústia, Freud (1926) explica que ela é, primeiramente, um afeto, que é sentido como desprazer, mas, diferentemente de outros estados afetivos, o estado desprazeroso da angústia é acompanhado por sensações físicas, geralmente relacionadas aos órgãos respiratórios e ao coração. Ou seja, no afeto angústia, as reações de descarga são sentidas no corpo.

Ele então confirma o que já suspeitava anteriormente, que a vivência do nascimento serve de modelo para o estado da angústia. Porém, contrariamente ao que propunha Otto Rank, em seu livro *O trauma do nascimento*, Freud (1926) não acreditava que o bebê pudesse ter alguma memória da situação do parto que lhe afetasse psiquicamente, pois o aparelho psíquico ainda não se encontra plenamente desenvolvido no recém-nascido. O que causaria a primeira angústia, seria a situação de desamparo a que o bebê é exposto quando vem ao mundo. Portanto, essa situação de desamparo biológico e psíquico que suscita a angústia inicial vai ser lembrada nas situações futuras.

Vale destacar que, para Freud, “a angústia tem uma inconfundível relação com a expectativa: é angústia *diante de algo*. Nela há uma característica de *indeterminação e ausência de objeto*; a linguagem correta chega a mudar-lhe, o nome, quando ela encontra um objeto, e o substitui pelo *temor [Furcht]*.” (FREUD, 1926, p. 114)

No ensino lacaniano, o tema da angústia começa a aparecer com maior evidência em seu seminário sobre a relação de objeto, nos anos de 1956 e 1957, em sua análise do caso clínico de Freud do “pequeno Hans”, momento em que ele observa que há uma estreita relação entre a angústia e sua fobia. Porém, a teorização lacaniana da angústia só se dará de fato após seis anos, em seu seminário dedicado exclusivamente ao tema, proferido nos anos de 1962 e 1963.

Para embasar sua conceituação, Lacan dialoga com a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, partindo do preceito de que “[...] o desejo do homem é o desejo do Outro.” (LACAN, 1962/63, p. 31). O Outro, diferentemente do que propunha Hegel, é definido por Lacan como lugar do significante, e não como o outro semelhante, conforme explica: “em Hegel, o Outro é aquele que me vê [...]. Para Lacan, porque Lacan é analista, o Outro existe como inconsciência constituída como tal. O Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe. É no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado da maneira mais pregnante, porque, para mim, não há outro desvio para descobrir o que me falta como objeto de meu desejo. É por isso que, para mim, não só não há acesso a meu desejo, como sequer há sustentação possível de meu desejo que tenha referência a um objeto qualquer, a não ser acoplando-o, atando-o a isto, o \$ [sujeito barrado], que expressa a dependência necessária do sujeito em relação ao Outro como tal”. (LACAN, 1962/63, p. 32)

O objeto *a* é então apresentado como o resto da operação de divisão subjetiva, resíduo da operação que deu origem ao sujeito barrado, \$, o sujeito do inconsciente. A partir do campo do Outro, campo da linguagem e de seu tesouro do significante, um sujeito mítico, S, sujeito que está por vir, só poderá habitar o registro simbólico sob uma condição: sujeitar-se à lei do significante. Ao se submeter à linguagem e, portanto, à lógica do inconsciente, esse sujeito é marcado com a barra, barra da falta, da incompletude, da divisão estrutural que é a característica principal da neurose. “A falta é radical, radical na própria constituição da subjetividade.” (LACAN, 1962/63, p. 149)

Dessa maneira, Lacan se aproxima do conceito hegeliano de desejo e dele extrai “[...] um objeto *a* que deseja” (LACAN, 1962/63, p. 35) e explica que “[...] o sujeito, sendo esse objeto, fica irremediavelmente marcado pela finitude. [...] Por causa da existência do inconsciente, podemos ser esse objeto afetado pelo desejo”. Retomando Freud, que “[...] nos diz que a angústia é um fenômeno de borda, um sinal que se produz no limite do eu (*moi*), quando este é ameaçado por alguma coisa que não deve aparecer”,

Lacan (1962/63, p. 133) explica que isto, que não deveria aparecer é o *a*, “o resto, abominado pelo Outro.”

Portanto, a angústia surgiria quando o sujeito vislumbrasse o *a*, que deveria permanecer oculto. Contrariamente a Freud, que não acreditava que a angústia fosse provocada por um objeto específico, Lacan (1962/63, p. 175) propõe “[...] que a angústia [...] não é sem objeto.” Ele retoma então o texto *Inibição, Sintoma e Angústia*, no qual Freud anuncia a indeterminação de objeto na angústia, para contradizê-lo e então propor que, em se tratando da angústia, “[...] essa característica de ser sem objeto não pode ser conservada. [...] O próprio Freud diz que a angústia é, essencialmente, *Angst vor etwas*, angústia diante de algo”. (LACAN, 1962/63, p. 176). De acordo com Lacan, o sinal articulado por Freud como característico da função da angústia, aparece quando o sujeito se depara com o objeto *a*, o irreduzível do real.

Assim, percebe-se que a emergência da angústia é consequência da incapacidade do simbólico de nomear algo que se apresenta como puro real, irreduzível ao significante. O sujeito é tomado pela angústia quando se percebe ocupando o lugar do objeto *a*, preenchendo a falta do Outro. Diante da iminência de desaparecimento enquanto sujeito desejante, sendo tomado por esse gozo sem limites, a angústia aparece como única saída possível, nessa hiância entre gozo e desejo. Então, diante de contingências da vida que evocam esse real, irreduzível ao significante, o sujeito se vê sem recursos simbólicos, sem palavras que consigam nomear o que se passa. Como consequência, irrompe a angústia, sinal do real.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”**, 1895. In: Volume III (1893-1899) Primeiras Publicações Psicanalíticas. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**, 1920. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume II: 1915-1920. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Inibição, Sintoma e Angústia**, 1926. In: Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.